

FISIOTERAPIA, CORPOREIDADE E BIOÉTICA

Diante da pele e do tocar

A fisioterapia encontra na corporeidade e na bioética os elementos necessários para definir o seu ser e o seu modo de fazer. A corporeidade é responsável pela sua invenção. Foram os apelos da fenomenologia corporal que inspiraram a criação da fisioterapia. A bioética nasce junto com a fisioterapia, como exigência primeira, para estabelecer os critérios e as maneiras de atendimento desses apelos. Se, de uma parte, a fisioterapia se constitui na intervenção mais adequada sobre as funções do corpo humano, a bioética, de outra parte, se apresenta como guia protetor dos valores humanos.

O olhar reflexivo sobre a pele e o tocar começa, necessariamente, por uma descrição sobre a fisioterapia, sua história, sua semântica, suas bases epistemológicas e seus fundamentos éticos. Esses aspectos, provavelmente, para muitos profissionais da saúde, já são conhecidos, mas se tornam indispensáveis para traçar os caminhos desta abordagem reflexiva.

– A história da fisioterapia oferece uma preciosa riqueza antropológica, cultural e de diversidades de práticas e de saberes. Todos os relatos históricos asseguram que desde alguns milênios antes da era cristã a fisioterapia era prática comum. As culturas orientais, certamente, são aquelas que mantiveram, até hoje, práticas fisioterápicas sem perder suas raízes históricas. No Ocidente, por força de sucessivas rupturas paradigmáticas, a fisioterapia foi alterando sua identidade em relação às suas origens vindas dos egípcios, dos gregos e dos essênios.

Não se trata, aqui, de lembrar todos os períodos desta história, mas apenas sublinhar dois pontos. O primeiro, mais formal, refere-se aos processos de instituição e legalização da fisioterapia. Por exemplo, no Brasil, a fisioterapia tem uma história difícil para alcançar a sua autonomia, tanto acadêmica, tanto profissional. Estudiosos do caso, como o Prof. Lopez Sanchez, mostram como a fisioterapia foi mantida sob a tutela da classe médica. O fisioterapeuta foi definido como auxiliar médico. Estava explícito que a ele competia a realização apenas de tarefas de caráter terapêutico (ou seja, incapaz de avaliar o paciente); e que a execução das mesmas tarefas devia ser precedida de uma prescrição médica. A maioria da fisioterapia, diz o Prof. Sanchez, precisou ser confirmada na justiça. Este aspecto mereceria mais atenção, entretanto, não está no roteiro desta reflexão¹. E a maioria significa ter autonomia para decidir sobre todo o ato fisioterapêutico.²

O segundo ponto, objeto importante para aprofundar o tema, busca identificar alguns elementos históricos que podem promover e provocar debates sobre a identidade atual da fisioterapia, sob o ponto de vista da formação acadêmica e sob o ponto de vista das práticas terapêuticas.

¹ Rev. Fisioter. Univ., São Paulo, 1(1)Jul./dez. 1994.

² O inciso 1.1.2 da Atribuições Gerais diz: Elaborar o Diagnóstico Cinesiológico Funcional, prescrever, planejar, ordenar, analisar, supervisionar e avaliar projetos fisioterapêuticos, a sua eficácia, sua resolatividade e as condições de alta do cliente a estas práticas da saúde.

– A semântica, que trata do significado da palavra fisioterapia, pode começar pela sua etimologia. A etimologia, em palavras simples, faz o rastreamento do sentido de uma palavra desde suas origens mais remotas. A palavra etimologicamente é composta de dois étimos³ (raízes) da língua grega: Physis, cuja tradução mais correta é natureza, ainda que a mais utilizada seja física; e therapéia, que se traduz por terapia, cujo significado habitual é cuidado e cura de doenças.

Essas informações etimológicas, aparentemente, teriam resolvido a questão do sentido de fisioterapia, entretanto uma escuta mais atenta da palavra nos mostra uma série de outros aspectos que ficam ocultos para quem não lhe presta maior atenção. Neste sentido, a tradução de Physis por natureza, ainda que não reflita toda a abrangência da semântica grega, é possível perceber que natureza diz muito mais que física. Natureza abrange o universo de todos os seres. Para os gregos, Physis, além de englobar todos os seres, ela é também a energia primordial da qual se originam todos os seres. Assim, os seres são manifestações da natureza. Mais, a physis, como princípio de tudo o que existe, não está apenas no início de cada ser, mas o acompanha durante toda sua duração ou existência. Ela dá origem e acompanha a manifestação (fenômeno) até o final

Da mesma maneira, therapéia, antes de ser definida como cuidado ou cura, ela significa “Servir a Deus”. Terapia seria, portanto, o serviço prestado à obra da Physis, como manifestação do sagrado ou divino. A fisioterapia tinha, para os gregos, a tarefa de conciliar a ligação entre o homem e a natureza. Para eles, as deficiências físicas eram conflitos com a natureza, que deveriam ser corrigidos por práticas fisioterápicas. Já na Idade Média, esses distúrbios eram atribuídos a forças malignas que deveriam ser exorcizadas.

A leitura etimológica nos revela ainda que, para os gregos, inclusive para outros povos ancestrais, a fisioterapia não tinha como objeto primeiro o movimento, os exercícios físicos e as funções dos órgãos. A fisioterapia era, em primeiro lugar, um conjunto de atividades que se valia dos recursos da natureza para curar, reabilitar e fortalecer o organismo. O poder de cura vinha da natureza, presente nesses elementos, pois existia, nas civilizações antigas, toda uma mística que atribuía muita importância aos fenômenos naturais, às energias cósmicas, aos animais, aos minerais, às plantas, às flores, aos perfumes, etc.

Com o advento da fisioterapia científica, tais práticas fazem parte daquilo que se poderia classificar como a pré-história da fisioterapia.

– A epistemologia trata da questão da produção do conhecimento. Um dos debates epistemológicos mais significativos, na atualidade, concentra-se sobre a questão dos paradigmas, suas construções e transformações no decorrer da história das ciências⁴.

Segundo Francisco Varela, “Chaque époque de l’histoire de l’humanité produit, par ses pratiques sociales quotidiennes et son langage une structure imaginaire. La

³ Na língua grega, o radical étimos significa “verdadeiro”. Assim ele oferece o sentido verdadeiro ou autêntico das palavras. Esse sentido, pelo uso da palavra, pode se desviar ou, mesmo, perder o sentido original.

⁴ Kuhn, Thomas s. A estrutura das revoluções científicas. São Paulo. Editora Perspectiva. 1987. p. 9-10.

science est une section de ces pratiques sociales ... est une dimension de cette structure imaginaire.”⁵

Com base nesta teoria e alargando o significado de ciência para além do conceito moderno, pode-se admitir que todos os saberes humanos têm como função determinar a totalidade da vida humana, individual e coletiva. Nestas científicidades, em sentido amplo, entram as mitologias. As mitologias, tanto quanto as ciências modernas, são frutos da imaginação humana. A diferença está no paradigma proposto para compreender e explicar o universo. O comportamento humano, as organizações sociais, o sistema de produção as instâncias de poder, enfim tudo o que diz respeito a um povo, somente podem ser entendidos fielmente a partir do paradigma de conhecimento (epistemológico) adotado. Na era das mitologias, conhecida pelos filhos do pensamento racional e científico como a pré-história da humanidade e da ciência, o paradigma “epistemológico” foi construído sobre a idéia de que o mundo era governado por forças sagradas ou divinas, que se manifestavam nos raios, nos trovões, nos astros, nos sonhos, nas entranhas dos animais, etc., e possíveis de serem controladas por rituais, estes executados por pessoas privilegiadas. No caso da saúde, encontramos os curandeiros. Assim se pode entender porque a fisioterapia era centrada na utilização de recursos naturais, transmissores das energias sagradas.

A fonte destas energias vitais, para os gregos e outros povos antigos, estava na natureza. Com o surgimento das religiões institucionalizadas, a fonte da vida e da sabedoria passou para os livros revelados por Deus. E com as ciências modernas tudo isto ficou esquecido.

Neste momento, cabe uma digressão para lembrar que a idéia do sagrado ou do divino continua presente no pensamento de alguns cientistas de renome. Entre tantos outros, pode-se lembrar o médico e biólogo Henri Atlan ao afirmar que “Também podem ser consideradas ‘racionais’ descrições tradicionais daquilo que é traduzido aproximadamente como “Deus”, e não estou falando de Teologia”⁶ No conjunto de seu pensamento, esta afirmação não significa que a terra do Divino possa substituir o científico. Para ele, não substitui, nem se funde, mas anda paralela. Ao seu lado estão a arte, a poesia, a intuição e a sensibilidade. A seguinte passagem mostra bem as diferenças e os espaços próprios de cada dimensão: “Os tanques servem para lavar roupa, as velas iluminam e os feiticeros curam, talvez, na mesma proporção que as máquinas de lavar, a luz elétrica e a medicina moderna, respectivamente. E, em certas circunstâncias que exigem maior intimidade, pode ser mais apropriado organizar uma iluminação à vela do que ligar poderosos holofotes elétricos, mas isso não significa que nos veremos melhor, mesmo em nosso interior, se renunciarmos ao uso da eletricidade”.⁷

Na mesma trilha, talvez com maior força, aparece Grerory Bateson, (antropólogo, biólogo e filósofo, 1904-1980) especialmente com sua obra, *Uma Unidade Sagrada*, na qual, como anuncia o título, expõe a necessidade de restauração

⁵ Varela Francisco J, *Connaître: les sciences cognitives tendances et perspectives*. Paris, Seuil. 1988. Trad. Cada época da história da humanidade produz, por suas práticas sociais quotidianas e sua linguagem, uma estrutura imaginária. A ciência é uma seção destas práticas sociais ... é uma dimensão desta estrutura imaginária.

⁶ Atlan, Henri. In Pessis-Pasternak, Guitta. *Do Caos à Inteligência Artificial*. São Paulo. Editora da Unesp. 1993. p.69.

⁷ Idem. P. 81.

da unidade cósmica e antropológica, abalada, desde os gregos, pela criação do pensamento analítico, e pela supremacia do modelo lógico-matemático da modernidade.⁸ A unidade sagrada, segundo ele, não encontra, certamente, correspondência nas representações das ciências, nem mesmo das teologias, estas são criações do imaginário humano para dizer o que é a natureza, o que é Deus. Ele compara: “o mapa não é o território, e o nome não é a coisa nomeada”.⁹

– Fundamentos éticos, em qualquer tempo e em qualquer sociedade, são fornecidos pelo paradigma sobre o qual se constrói o conhecimento. Na era mítica, a ética estava relacionada ao mito fundador. O mito fundador é o que dá origem e identidade a um povo, ou de movimento histórico e cultural. E cada povo tem seu próprio mito fundador. As sociedades teocêntricas têm seu mito fundador na ação criadora de Deus. Muitas vezes, o próprio criador define explicitamente as bases éticas, como é no caso dos hebreus. Ou por um profeta, o que fala em nome de Deus, no caso do Islamismo.

Com os gregos a ética passa a ser expressa pela palavra (logos) enquanto define a natureza de que cada ser. Assim todo ser vivente deve se comportar segundo sua natureza. Isso vale para os homens, como para os animais. Com o Cristianismo há uma aproximação entre os mandamentos divinos (a revelação) e os princípios racionais (a filosofia). O fundador primeiro e incontestado da ética será sempre Deus. O homem, pela sua racionalidade, apenas confirma.

A modernidade, de alguma maneira, rompe com as duas tradições. O homem passa a ser o fundador da ética em nome de um antropocentrismo absoluto, como se ele tivesse o poder de decidir sobre todo o universo. O mito da ciência lhe daria esses poderes. Não se trata, aqui, de aprofundar o que o homem fez e está fazendo, agindo cientificamente, com o planeta e consigo mesmo, mas de identificar os esforços para fundar a ética da racionalidade. As tentativas foram muitas. Vejamos três. Baruch Spinoza (1632-1677) tentou traçar as linhas gerais de uma ética totalmente racional segundo os estritos princípios da lógica matemática. Sua obra principal é, justamente, *Ethica ordine geométrico demonstrata*, isto é, a *Ética demonstrada segundo a ordem geométrica* ou, como outros traduzem, segundo o costume dos geômetras. Emanuel Kant (1724-1804), certamente, é o filósofo que apresentou uma proposta mais significativa, pelo menos de caráter filosófico, o “imperativo categórico”.¹⁰ Embora não tenha chegado à resposta definitiva, pelo menos proporcionou o surgimento de escolas filosóficas neo-kantianas, especialmente a de Frankfurt, que desenvolveram reflexões importantes sobre a necessidade e a viabilidade de se pensar uma ética laica universal. O pensador mais influente e lembrado é Jürgen Habermas que propõe a ética do discurso, possível de ser viabilizada pela consciência moral e o agir comunicativo.¹¹

Todas as tentativas para definir uma fonte universal da ética, se pode dizer que, no plano teórico, alcançaram um relativo sucesso, pelo menos como estímulo para

⁸ Bateson, Gregory. *Una Unidad Sagrada. Pasos ulteriores hacia una ecología de la mente*. Barcelona, Espanha. Editorial Gedisa. 1993.

⁹ Bateson, G. *Natureza e Espírito: Uma Unidade Necessária*. Lisboa. Publicações D. Quixote. 1987. p. 33.

¹⁰ Kant, Emmanuel. *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. São Paulo. Abril Cultural. 1980. (Os pensadores)

¹¹ Habermas, Jürgen. *Consciência Moral e Agir Comunicativo*. Rio de Janeiro Tempo Brasileiro. 1989.

manter viva a preocupação com a questão ética. Entretanto, em termos práticos, pouco ou nada significaram. Estudos recentes mostram que essas éticas cognitivistas, como foram classificadas, já teriam esgotado suas possibilidades de solução¹².

Diante destes fatos, provavelmente, seja permitido afirmar que a ética se transforme em bioética, ou seja, a ética da vida. O que significa dizer que o referencial maior, para se pensar uma eticidade universal, seria a vida. Entretanto, isto não resolve o problema, pois é necessário partir de uma compreensão do que é a vida.

Fica pressuposto que, nos limites desta reflexão e pela complexidade da questão, o tema da vida será abordado apenas no interior da corporeidade humana.

O ser humano um ser corporal

Se o tema do corpo, mais precisamente da corporeidade, foi inscrito no centro de uma antropologia filosófica, fez com que ele penetrasse outras áreas científicas, técnicas e, até, estéticas. O tema da corporeidade, desde que foi vinculado ao modo ser do ser humano, trouxe à tona duas contribuições importantes. A primeira e mais significativa, baseada especialmente no pensamento de Maurice Merleau-Ponty, é a idéia de que o corpo é, realmente, a totalidade do ser humano, não uma parte. Dizer totalidade significa afirmar unidade plena. O corpo é um sistema único e indivisível, que não suporta uma unificação de partes separadas. A corporeidade é a natureza do ser humano, origem de todas as suas manifestações, de qualquer ordem. O corpo humano é um ser vivo na plenitude de sua vida.

Além disso, o corpo humano é um organismo que pertence ao conjunto dos seres vivos. Portanto, é um ser vivo e, como tal, fica incluído nesta descrição de Maturana: “seres vivos são sistemas auto-referidos, nos quais seu operar somente faz sentido em relação a si mesmos, o que os diferencia dos sistemas que elaboramos nós, os seres humanos, que, por seu desempenho, fazem sentido somente em relação a um outro produto ou algo distinto deles, aos quais denominei de ‘sistemas alo-referidos’”.¹³

A segunda contribuição é de corrente da primeira que se traduz no questionamento, talvez, negação dos modelos mecanicistas e dualistas. A definição do homem-máquina de La Métrie fica literalmente excluída, por ser reducionista, ainda que possa inspirar um processo de fortalecimento e aumento das potencialidades mecânicas para múltiplos fins.

A corporeidade, como entidade específica de cada ser humano, precisa ser entendida a partir da dinâmica da vida, e não mais a partir da máquina. Como consequência suas bases científicas passam da física e da mecânica para a biologia, a genética e as neurociências.

¹² Freitag, Bárbara. Itinerários de Antígona: A questão da Moralidade. Campinas, SP. Papirus. 1992.

¹³ Maturana, Umberto. De Máquinas e Seres Vivos: Autopoiese – a Organização do Vivo. Porto Alegre, Artes Médicas. 1997. p. 24.

Fundamentos da bioética

As filosofias racionalistas não conseguiram estabelecer um valor sobre o qual se construiria toda uma teoria ética universal. Pressuposto indispensável para se formular qualquer código de ética. Fica óbvio que, para garantir a legitimidade das éticas regionais, somente será possível a partir de uma ética universal. A superação do dilema, tudo indica, não estaria tão próxima. Ou estaria? O caminho próximo da solução poderia estar na adoção da vida, em todas as suas manifestações, como a única fonte real de eticidade. O surgimento da Bioética, a ampliação, cada vez maior, de sua abrangência, e a adesão crescente de pensadores de todas as áreas apontam para que a Bioética seja adotada como o novo espaço para se traçar as linhas gerais de uma outra eticidade. Ter-se-ia uma ética inspirada no próprio movimento da vida e não num modelo do imaginário racional. Essa seria a hipótese sonhada. O desafio é como chegar lá.

A história da bioética, apenas para lembrar, começaria em 1971 com o emprego do termo bioética, pela primeira vez, pelo Professor norte-americano Van Rensselaer Potter, para se referir às normas a serem observadas nas relações entre médico e paciente. Em pouco tempo, apesar da resistência da Europa continental, o neologismo 'Bioética' passou a designar o conjunto de novas questões, cujo ponto central é o valor do homem em sua corporeidade frente aos desenvolvimentos biomédicos e das biotecnologias. Neste vasto cenário entraram em ação reflexões, não apenas da medicina e da ética, mas também da biologia, do direito, da filosofia, da psicologia, da economia e da política¹⁴.

O termo, bioética, entendido a partir da etimologia, como a ética da vida, não deixa dúvidas. A vida deve determinar a eticidade. A pergunta imediata que se faz é, como saber o que a vida determina. Quando se coloca Deus como o fundador da ética, para o crente, não há dúvida, os fundamentos devem ser procurados nos livros sagrados, e, quando houver dúvidas, as autoridades religiosas, legitimamente constituídas, dirimem o impasse em nome da Divindade. Para os cientistas, e não poderia ser diferente, as ciências estabelecem o que fazer e como se deve proceder. Mas não haveria outro caminho, sem negar os acima mencionados?

A resposta pode ser positiva diante de três propostas. A primeira seria escutar a linguagem da vida. Os poetas, os artistas, os místicos, bem antes das filosofias e das ciências, ouviram a natureza falar. Antes deles estão os povos aborígenes que, hoje, alguns estudiosos, reconhecem a sua sabedoria, ainda que exijam que passe pelo crivo da ciência. E o discurso mais eloqüente sempre foi o da vida, presente em todos os seres vivos.

A história da vida começou a ser escrita há milhões de anos. Desde os micro-organismos até nós, os seres humanos. E, certamente, nós não seremos o último capítulo. A dificuldade está em decifrar a escrita da vida. As ciências nos ajudaram a entrar nos seus segredos, especialmente através da biologia molecular, a genética e as neurociências. Hoje, parece inquestionável que o ser vivo não é regido por um modelo físico mecânico, mas por um sistema comunicacional. Os genes agem conforme as informações impressas em sua estrutura. O DNA é o melhor exemplo.

¹⁴ Cf. Andorno, Roberto. La bioéthique et la dignité de la personne. Paris. PUF, 1997. p.4.

Neste sentido, o paradigma da máquina fica profundamente prejudicado, ainda que se sustente em certos casos. Se a vida não se desenvolve como um processo físico-mecânico, e sim como um transmissor-receptor de mensagens, é preciso construir uma outra hermenêutica do universo vital.

A segunda proposta vai em direção ao mundo da comunicação. A questão central consiste em identificar os comandos que emitem as mensagens para todo organismo, e, ao mesmo tempo, recebem as informações necessárias para elaborar tais mensagens. Por exemplo, quando somos picados por um inseto, uma mensagem é enviada ao cérebro, e este emite uma mensagem que aciona um membro para acudir o lugar da agressão. O mesmo se pode falar de situações mais complexas em relação às funções internas. O mundo neural, tudo indica, esconde a gráfica, ou a grafia, bem como a gramática e a sintaxe destas mensagens. Provavelmente isto obriga sair dos modelos das teorias mecânicas e ingressar no sistema de signos da semiologia e da semiótica. Evidente, não se trata de signos lingüísticos no sentido estrito da palavra.

A terceira proposta sugere uma leitura diferencial por faculdades 'cognitivas' não racionais, o que não significa irracionais. O primeiro gesto pode ser prestar atenção à noção de "obstáculo epistemológico", sugerido por Bachelard, pelo qual se reconhece que os conhecimentos que se tem podem impedir novos conhecimentos. Para ele, "Um obstáculo epistemológico se incrusta no conhecimento não discutido. Hábitos intelectuais que foram úteis e salutares podem, com o tempo, entravar a pesquisa"¹⁵. Em geral, isto acontece quando se tem a crença de que uma pergunta deve ter uma única e definitiva resposta científica. Crença que é ironizada por Umberto Eco, em *O Nome da Rosa*, através deste diálogo entre Adso e Guillaume:

- Então não tendes uma única resposta para vossas perguntas?
- Adso, se a tivesse ensinaria teologia em Paris.
- Em Paris eles têm sempre a resposta verdadeira?
- Nunca, disse Guillaume, mas são muito seguros de seus erros¹⁶.

Na esteira desta maneira de pensar, Michel Maffesoli escreveu um livro com um título muito representativo de um modo diferente de pensar e de perceber a realidade, *O Elogio da Razão Sensível*. O apresentador (anônimo) da obra escreveu: "Elogio da Razão Sensível é um verdadeiro tratado de decifragem do mundo contemporâneo, que opõe, às razões da Razão racionalizante, as intuições e fulgurâncias da Razão sensível (...) Uma maneira de levantar a topografia do imprevisível e do incerto"¹⁷. Embora Maffesoli concentre sua reflexão sobre a ordem social, fica evidente que ele faz parte de um grupo de intelectuais, (como Umberto Eco, Edgar Morin, Boaventura de Souza Santos, Bruno Latour) que questionam o monopólio da razão racionalizante. Esta racionalidade é apenas uma forma de estruturar a razão cognitiva do ser humano.

Para se romper com essa racionalidade há dois recursos complementares. Um reconhece a legitimidade dos conhecimentos de natureza sensível. A sensibilidade é capaz de reconhecer, com mais fidelidade, aqueles aspectos que escapam às lógicas racionais. Esses conhecimentos sensíveis foram identificados e resumidos por Einstein

¹⁵ Bachelard, Gastão. *Epistemologia*, Rio de Janeiro, Zahar Editores. 1977. P.148.

¹⁶ Eco, Umberto. Apud Maffesoli, *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis. Editora Vozes, 1995. p. 25

¹⁷ Apud Maffesoli, Michel. *Elogio da Razão Sensível*. Petrópolis, Editora Vozes. 1998. apresentação.

numa simples palavra, *fingerspitzengefühl* que o dicionário traduz por tato, sensibilidade, mas que, no pensamento de Einstein, significa um conhecimento que nasce (nascido) das pontas dos dedos¹⁸. Provavelmente, pode ser aproximado do conceito de “Olho Clínico” médico, isto é, o conhecimento que nasce do “olho no olho”. É neste cenário que a intuição se manifesta.

A intuição é o recurso que complementa a razão sensível. “Com a intuição, escreve Maffesoli, coloca-se em jogo uma ‘visão central’ que, justamente, não é indireta mas, antes, enraíza-se profundamente na própria coisa, dela se nutre e, portanto, dela frui”. Para isso, acrescenta ele, “é necessário apelar para os poetas, os artistas, os místicos, ou para a experiência do senso comum que saiba aderir àquilo que é, viver e fruir daquilo que é”. Por fim, para completar, “Assim, ao contrário da objetividade moderna, a intuição romântica,, isto é, a intuição da globalidade, pode ser um ato de conhecimento”. Isto faz lembrar, seguindo seu pensamento, que o conhecimento etimologicamente remete para o “nascido com” (*nascere-cum*) e que, portanto, implica uma forma de convivência entre o que se convencionou chamar de sujeito e objeto, e não uma oposição: dominante/dominado¹⁹.

Pela distinção entre Razão sensível e Razão Racionalizante pode-se perceber a possibilidade de lógicas diferenciadas. Não custa repetir que a lógica das ciências empíricas seguem a linearidade causal, isto é, se A produz B e sempre produz B; B será sempre produto de A. Concretamente: se os seres humanos geram sempre seres humanos, os gerados pelos humanos serão sempre humanos.

Entretanto, o processo evolutivo da vida não seguiu essa lógica. Uma simples observação das pesquisas em biologia e genética mostra que os organismos conseguiram se organizar em sua embriologia, há milhares de anos, sem a existência destas lógicas lineares. “A vida, escreveu Bateson, provavelmente, nem sempre estará interessada em saber o que é logicamente aceitável”²⁰. Ela chegou até aqui, está em todos os seres vivos, seguindo sua lógica própria e, constantemente, burlando a vigilância das lógicas científicas.

A fisioterapia

Inicialmente é fundamental que não existe um conceito único de fisioterapia. Talvez os modelos científicos tradicionais tentem estabelecer a univocidade semântica da palavra fisioterapia, a científica. As outras seriam pseudo-fisioterapias. Fazendo um levantamento das diferentes definições, chega-se à conclusão de que os estudiosos da fisioterapia não pensam da mesma maneira. Para não entrar numa seara pouco criativa, aqui foi adotada uma definição aquela que está melhor afinada com esta reflexão. O critério, provavelmente pode se questionado. Certamente não é científico.

A definição adotada foi retirada dos escritos de H. T. Heidelberg: “Os métodos da terapia física se caracterizam por ativar o corpo. No aspecto biológico, todo tratamento físico constitui uma terapêutica de reação. Os procedimentos de terapia física não servem unicamente para o desencadeamento imediato de uma reação

¹⁸ *Fingerspitzengefühl*: finger=dedo,; spitzzen= ponta; fühlen= sentir; (ge) fühlen=sentido

¹⁹ Maffesoli, Michel. Elogio da Razão sensível. Petrópolis. Editora Vozes, 1998. p. 130-133.

²⁰ Bateson, Gregory.. Gaia: Uma Teoria do Conhecimento (Org. Willian Irwin, Thompson. São Paulo, Gaia. 1990. p. 43.

determinada, mas também constituem um apoio geral à tendência de cura do próprio organismo”. Embora a definição tenha uma referência explícita aos métodos, uma leitura atenta permite, através deles, identificar o conteúdo.

Quatro elementos da definição revelam as bases das atividades da fisioterapia:

1. Ativar o corpo. Ativar não significa apenas impulsionar o corpo a agir, mas, também, a fortalecer suas capacidades de ação. Uma atitude que, obrigatoriamente, respeita a idéia de que o corpo, ser vivo, é um sistema auto-referido, isto é, seu operar, lembrando mais uma vez Maturana, somente faz sentido em relação a si mesmo.

2. Uma terapia da reação. Este segundo elemento completa o primeiro. Trata-se de uma terapia que ativa o corpo na forma reagir. E reagir significa aceitar o estímulo, o apelo para a ação. Portanto, cabe ao corpo assumir o comando do processo de ativação de si mesmo.

3. Tendência de cura do próprio organismo. “Nós, os seres vivos, escreveu Maturana, somos sistemas autopoieticos moleculares”. O que significa dizer que todos os fenômenos biológicos resultam do operar da estrutura dos seres vivos. E como fenômenos biológicos estão incluídos, também, as operações mentais. Maturana e Varela explicam mais: “A característica do ser vivo, pela sua organização, é tal que seu único produto são eles mesmos, inexistindo separação entre produtor e produto. O ser e o fazer de uma unidade autopoietica são inseparáveis, e esse constitui seu modo específico de organização”.²¹ Na condição de autônomos e de autopoieticos, os seres vivos gozam das capacidades de auto-organização, de auto-criação e de auto-defesa.

Neste contexto, a definição da fisioterapia, acima expressa, contempla, exatamente, essas três capacidades que, sem dúvida, são fundamentos e raízes do ser e do fazer fisioterapêuticos. Na seqüência desta reflexão serão considerados dois fatores fundamentais e decisivos, a pele e o tocar, não para isolá-los do todo corporal humano, mas para salientar seu significado antropológico e fisioterapêutico. Não há, aqui, a pretensão de fazer um tratado sobre o tema, mas, apenas, apontar sua relevância para a Fisioterapia.

A pele

A pele, durante muito tempo, não passou de um simples invólucro do corpo humano. Uma leitura superficial da história da antropologia, pelo menos nas culturas ocidentais, o fator mais importante da pele foi a cor, enquanto critério para definir os grupos raciais, brancos, negros e amarelos. Posteriormente, com o avanço das ciências biológicas, surgiram outros critérios com essa finalidade, ainda que sem criar um consenso.

O ponto, tudo está a demonstrar, que a pele não mereceu muita atenção, parecia um aspecto do corpo humano secundário. Não era valorizada, salvo raras exceções, como objeto de estudos. Sob o ponto de vista antropológico, a pele recebeu, por parte das sociedades civilizadas, uma sobre-pele, o vestuário. Uma análise desta sobre-pele, não era tanto para ocultar a pele ou as partes “pudicas”, ou como proteção, mas como um artifício para criar categorias sociais. O vestuário assegurava as diferenças entre nobres e plebeus, entre soberanos e súbditos, entre pobres e ricos.

²¹ Maturana, U. Varela, F. A árvore do conhecimento. Campinas, SP. Editorial Psy II. 1985. p. 89.

A pele, na sua nudez, revela, apenas, a cor, o gênero, o estado físico e a idade. Elementos que dificultam estabelecer classes sociais.

Hoje, os avanços das ciências biológicas garantem uma compreensão mais detalhada da pele, tanto em suas funções, quanto em sua composição. Mas para que se chegasse a estes resultados foi preciso enfrentar uma barreira ética medieval que impedia ultrapassar os limites da pele. Em nome dessa norma era proibida a dissecação de cadáveres. Vesale, (Andréas Vesalius, 1515-1564), considerado pai da anatomia, apesar das condenações da Inquisição praticou dissecações de corpos humanos. Inclusive, chegou a propor a necessidade de dissecar corpos vivos, pois nos cadáveres falta o elemento principal. Mas este é outro assunto.

Este tema, o da anatomia, apesar de seu significado para a fisioterapia, foge aos objetivos desta reflexão. O aspecto, que chama atenção nas atitudes de Vesale, está ligado ao aparente descaso pelo significado da pele. Pelas informações à disposição, ele encarou a pele como uma simples cortina que escondia os segredos do interior do corpo.

As pesquisas biológicas, particularmente na área da genética, desenvolveram pesquisas inovadoras que alteraram profundamente as representações antropológicas e científicas da pele. Tais mudanças biológicas provocaram pesquisas mais profundas das ciências neurobiológicas, e mobilizaram, também, outras áreas, aparentemente não afins, como a filosofia, a sociologia, a educação, a psicologia e a psicanálise.

Antônio Damásio, (chefe do departamento de neurologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Iowa), trouxe, além de resultados que revolucionaram as relações corpo e mente, preciosas informações sobre a pele. Seguem aqui, resumidamente, alguns pontos, considerados mais representativos para se pensar e fazer fisioterapia.

Uma observação inicial de Antônio Damásio, muito próxima ao senso comum, diz o seguinte: “A primeira idéia que ocorre quando pensamos na pele é a de uma extensa camada sensorial, voltada para o exterior, pronta a ajudar-nos a construir a forma, a superfície, a textura e a temperatura de objetos externos pelo sentido do tato”. Esta idéia, portanto não é inovadora, mas serve para realçar a diferença ao afirmar que “a pele é muito mais do que isso, ela é uma peça-chave controlada por sinais neurais autônomos do cérebro e por informações químicas de diversas proveniências”.²² A afirmação mais significativa e inovadora está na vinculação neural da pele com o cérebro. O que acentua a relação das funções da pele ao sistema nervoso central. A pele, de fato, resumido o pensamento de Damásio, é a entrada e a saída de muitas informações ou representações que seriam coordenadas por conexões neuronais. É neste particular que Damásio classifica a pele entre as vísceras. Um lembrete de dicionário: Viscera é todo órgão contido nas cavidades craniana, torácica e abdominal. Portanto a pele estaria, pela definição de dicionário, desclassificada da categoria de víscera. E cada víscera tem suas funções específicas, todas voltadas para a conservação do equilíbrio do ser vivo. Para Damásio o que identifica a víscera não é o critério da localização, mas o da funcionalidade. Por isto, na continuidade de sua explanação acrescenta que no organismo acontece um conjunto de representações como regulação bioquímica, dos órgãos internos, estrutura músculo-esquelética,

²² Damásio Antônio R. O Erro de Descartes – Emoção, Razão e cérebro humano. São Paulo. Companhia das Letras, 1996. p. 261.

massa muscular e movimento potencial que precisam ser coordenadas. “Suspeito, diz ele, que a representação da pele desempenha um papel importante para assegurar essa coordenação”.²³

Além de sua função visceral e da relação neuronal com o cérebro, a pele recebe, do olhar atento de Damásio, esta dupla dimensão: “A meu ver, o complexo somatossensorial do cérebro, em especial o do hemisfério direito nos seres humanos, representa nossa estrutura orgânica tendo por referência um esquema corporal onde existem partes intermediárias. (...) A representação da pele poderia ser o meio natural de estabelecer a fronteira do corpo porque está voltada tanto para o interior do organismo como para o meio ambiente com que o organismo interage”.²⁴ É, justamente, essa dupla ligação interna/externa operada simultaneamente através de informações recíprocas que a pele, sem sobras de dúvida, adquire um significado primordial para a fisioterapia.

Por que essa dupla função da pele, a encarnação com o interior do corpo e o contato direto com o exterior, se torna fundamental para a fisioterapia? Muito simples. Foi lembrando, anteriormente, que os anatomistas enfrentaram barreiras éticas para ultrapassar os limites da pele. A pele era o limite, segundo os moralistas da época, era o limite intransponível estabelecido pelo criador para não violar o santuário de sua criação. Um ponto deve ser sublinhado, os anatomistas dissecadores precisaram romper a pele, no sentido mais restrito da palavra. Ela era um empecilho para olhar o que havia e acontecia do lado de dentro da pele. Esta não tinha outro significado do que ser o invólucro do corpo. Na fisioterapia, entretanto, não há rompimento nem agressões à pele. Ela se constitui no laboratório ou atelier onde o tocar se opera como um comunicador que consegue aliar, ao mesmo tempo, o interior e o exterior num sistema informativo, através de gestos, que funciona no esquema de codificação/decodificação ou codificador/decodificador. Esse sistema de informação, sempre que segue a lógica da vida, tem como objetivos, voltando à definição adotada de fisioterapia, ativar o corpo a reagir e despertar a tendência de cura do próprio organismo.

Tocar

O segundo fator, apontado como fundamental nesta reflexão, é tocar. Tocar desencadeia reações e manifestações tanto na pele visceral, tanto na pele, definida como sensor do tato. Portanto tocar e pele são fatores inseparáveis na fenomenologia do tato. Muito bem expresso por Lionel Tayler: “O maior sentido do nosso corpo é o tato. Provavelmente, é o mais importante dos sentidos para os processos de dormir e acordar; informa-nos sobre a profundidade, a espessura e a forma; sentimos, amamos e odiamos, somos suscetíveis e tocados em virtude dos corpúsculos táteis de nossa pele”.²⁵ Tocar não é um ato físico somente – talvez nunca seja – mas também um ato psíquico, aliás, considerando a unidade corporal de Meerleau-Ponty, essa distinção nem deveria ser lembrada, pois tudo o que é físico, é, também, psíquico, e vice versa.

²³ Damásio, A. R. Op. Cit. P 261.

²⁴ Damásio, A. R. Op. Cit. P. 263.

²⁵ Tayler, Lionel J. Apud Montagu, Ashley. Tocar: O Significado Humano da Pele. São paulo: Summus editorial, 1988. p. 21.

Uma observação, um tanto à margem desta reflexão, para justificar o emprego do infinitivo tocar em lugar de toque. O verbo sempre sugere movimento, atividades acontecendo, enquanto o substantivo é, de certa maneira, o congelamento de um momento do movimento. Heidegger, em sua obra *Introduction a la Métaphysique* no capítulo que trata da gramática e etimologia do termo “ser”, chega à conclusão de que ser, na filosofia grega, não é substantivo, mas verbo, Portanto ser significa aquilo que se torna presente, aquilo que se manifesta e aparece na seqüência dos seres (entes)²⁶. Neste sentido, tocar significaria uma cadeia ilimitada e contínua de toques tocantes. Depois desta observação, retorna o discurso interrompido.

O tocar se desenvolve na pele, não apenas na sua superfície, mas em toda sua complexa constituição. Depois das descobertas da complexidade da pele, hoje ficou claro que a pele se tornou a grande paisagem percorrida pelo tocar fisioterapêutico. Esse tocar pode ser entendido e praticado como uma ação mecânica, conduzida pelos princípios da física, da biomecânica e da fisiologia científica. Talvez, essa seja a compreensão habitual.

Há outra, talvez, mais de uma forma de compreender o tocar. Em primeiro lugar a mão que toca pode ser considerada como a mão que toca um instrumento musical. Os dedos dedilham as cordas sensoriais da pele, ou digitam um teclado imaginário em ritmos de sinfonias, de operas ou de sonatas. Os dedos podem desenvolver movimentos ritmados da dança. O importante é acionar as funções viscerais da pele. Seria isto um simples delírio poético? Mas por que somente se acredita e confia nos movimentos mecanistas?

Ashley Montagu, em sua obra, já clássica, *Tocar: O Significado Humano da pele*, além de não usar o substantivo toque, ele mostra a total fusão entre a pele e tocar. Não há dúvida de que tocar somente pode ser pensado e descrito como uma ação conjunta com a pele. É bom lembrar que, em relação à pele, Montagu não possuía as contribuições mais recentes dos avanços da genética e da neurobiologia, mas já vincula a pele ao sistema nervo central, e, no primeiro capítulo trata do tema, “a mente da pele”.²⁷

O objetivo principal de Montagu é demonstrar o significado e a importância de tocar a pele, de diferentes maneiras e intenções, como fator fundamental para o equilíbrio do corpo humano. Tocar não é algo separado da pele, por isso, é possível afirmar que é a pele que dá sentido ao tocar.

Uma leitura, nem tanto profunda, da obra de Montagu, possibilita sublinhar três contribuições para complementar esta reflexão sobre a fisioterapia.

A primeira contribuição é um alerta sobre a pouca atenção generalizada a respeito da pele, o que impede reconhecer a importância do tocar. A esse respeito ele afirmou: “A maioria das pessoas considera a pele como algo que não merece atenção específica exceto quando queima e descasca ou fica coberta de espinhas”.²⁸ E hoje, a situação mudou muito? Ou a mentalidade vigente continua, mais ou menos, a mesma? A resposta mais adequada parece confirmar que apenas mudaram algumas variáveis estéticas, comandadas pelo culto ao bronzamento e ao rejuvenescimento.

²⁶ Heidegger Martin, *Introduction a la Métaphysique*. Paris: Gallimard, 1958. p. 80-83.

²⁷ Montagu, Ashley. *Tocar: O Significado Humano da Pele*. Paris: Gallimard, 1958. p. 21-60.

²⁸ Idem, p. 30.

A segunda contribuição, provavelmente a mais significativa, está contida na ampla descrição dos fatores positivos do tocar a pele, seja em forma de contato, de carícia, de pegar ou de proximidade relacional para o bom e sadio desenvolvimento do ser humano, desde o nascimento, (ou talvez antes), até o fim da vida. O que é confirmado por estas palavras: “A estimulação táctil parece ser a experiência fundamentalmente necessária ao desenvolvimento comportamental saudável do indivíduo”.²⁹ E isto porque, resumindo essa contribuição de Montagu, todos os procedimentos de tocar, em especial, nos recém-nascidos e durante a infância – sem excluir a vida adulta – contribuem para a atividade saudável de todas as funções viscerais.

Por fim, a terceira contribuição relaciona o tocar à ação curativa, um aspecto, certamente, significativo para a fisioterapia. Inicialmente se pode transferir para o fisioterapeuta o que Montagu diz do médico. “O que o paciente espera do ‘fisioterapeuta’ é um toque humano e um efeito curativo. O toque sempre intensifica as habilidades terapêuticas e a potencialidade de recuperação do paciente”.³⁰ Neste sentido, ele cita o exemplo de uma pessoa com problemas respiratórios graves, e encaminhada por ele a uma clínica de fisioterapia em Londres, onde devia ser massageada por um especialista. O resultado foi altamente positivo.³¹

Já no final do livro, como apêndice, Montagu traz uma rápida referência ao ‘toque terapêutico’. No início do primeiro parágrafo ele esclarece: “Nos últimos anos, vem se desenvolvendo a partir da prática da ‘imposição das mãos’ o que passou a ser chamado de ‘toque terapêutico’”.³² Pela breve descrição do fenômeno, apresentada por Montagu, parece que não se trata de um procedimento científico, mas com características mais psíquicas e místicas. Isto por que o ato de curar, citando Krieger, “implicaria na canalização do fluxo de energia vital pelo curador para o bem-estar da pessoa doente”.³³ Fica a interrogação, esse “toque terapêutico”, não tão científico, poderia ser incorporado pelo fisioterapeuta, ou seria apenas uma atividade pouco confiável do curandeirismo? Há outra pergunta, talvez mais instigante, será que o “toque terapêutico” não estaria afinado com a lógica da vida, à qual Bateson se refere?

Depois de tudo o que foi dito até aqui, estaria na hora de apresentar algumas conclusões sobre o que determinaria a bioética no relacionamento entre fisiologia e corporeidade no cenário da pele e do tocar, entretanto o espírito desta reflexão não leva a concluir, mas pretende apontar caminhos para onde se pode continuar a refletir. Assim nada melhor do que invocar essa interrogação desafiante que intitula a coleção francesa-belga, *La Pensée et les Hommes*, numa de suas edições, *Bioéthique: Jusqu’ou peut-on aller?*³⁴ (Bioética: Até onde se pode ir?). Uma pergunta, sem dúvida nenhuma, muito difícil de responder. O dia que a resposta for formulada, estará achada a chave de, senão todas, pelo menos grande parte das questões bioéticas; Por enquanto, os bioeticistas reconhecem que há um conflito entre o respeito pelo ser vivo, seu direito de viver e viver dignamente, e os interesses que colocam em primeiro lugar o produto

²⁹ Montagu, . Op. Cit. P. 273.

³⁰ Idem. P. 270.

³¹ Idem. P. 271-273.

³² Idem p. 381.

³³ Idem. P.382.

³⁴ Col. *La Pensée et les Hommes*. Bioéthique: Jusqu’ou Peut’on Aller? 39 année. Nouvelle série ,31. Bruxelles, Éditions de l’Université swe Bruxelles, 1996.

ou o resultado a qualquer custo, sem preocupação com a vida. E isto vale tanto para a vida humana como para qualquer outra forma de vida. Não é possível aqui tratar da superação os limites humanos perseguida em muitas atividades humanas, mas as práticas esportivas, certamente, são as mais paradigmáticas. Por exemplo, correr é uma modalidade de locomoção humana natural. Agora, correr cem metros em menos de dez segundos, talvez, não seja tão humano. As inúmeras seqüelas estão aí para comprovar. Trabalho para a medicina e os fisioterapeutas. E a vida animal como fica?³⁵

Hipócrates já estabeleceu o primeiro grande marco referencial de agir com a vida e os seres vivos: **Primum Non Nocere** (Primeiro não fazer o mal). Esse primeiro mandamento, aparentemente, soa negativamente mas, de fato, ele é o começo de toda a positividade benéfica, porque exclui a possibilidade de malefício. Seguindo com o pai de medicina, aparece o juramento socrático, cujo resumo significa fazer o bem.

Outro referencial importante pode ser construído a partir da distinção entre “eu sou corpo” e “eu tenho corpo”. Em outras palavras, “o corpo que sou” e “o corpo que tenho” O corpo que sou me constitui, ele é eu ou eu sou ele. O corpo que tenho supõe que a um sujeito proprietário e um objeto de propriedade. No primeiro caso, o corpo vivo, aquele que sou, deve ser o ponto inspirador do modo de viver. Não se pode esquecer que a consciência, a razão, as emoções fazem parte deste corpo vivo, elas são manifestações do mesmo. Assim, cada um deveria respeitar o corpo que é, e respeitar o outro no corpo que é. Esse princípio deveria reger todas as relações humanas.

No segundo caso, o corpo que tenho remete à idéia de há um ente extra-corporal que detém a propriedade do objeto corpo. O conceito de propriedade remete a uma relação de posse, de uso e de instrumento. Seu valor está diretamente relacionado ao resultado e à produtividade. Mais uma vez, o exemplo pode ser o esporte de alto rendimento.

Mais um referencial pode ser elaborada através transferindo para a bioética uma idéia de Piere-Marie Brinetti:. Então teríamos uma boa bioética não seria aquela que nos orienta para a dominação tecnológica da vida, mas para a compreensão e o respeito de sua lógica.

Por fim, pelo menos nos limites desta reflexão, é importante que a bioética, regente das relações entre fisioterapia e corporeidade na complexidade da pele e do tocar, não pode estar enclausurada em códigos de ética, embora não os dispense, mas precisa um certos grau de liberdade para inventar soluções fisioterapêuticas de acordo com os apelos da vida manifesta na corporeidade de quem busca os favores do fisioterapeuta. Liberdade que exige capacidade inventiva. E para alcançar esta inventividade é conveniente seguir esse ensinamento de Ernst Jünger: “Não se é

³⁵ Um exemplo de exploração da vida em nome do resultado. “O gado que antes levava três anos para crescer e engordar, agora está pronto para o abate 18 meses. Da mesma forma, galetos que antes levavam 12 semanas para atingir o peso de mercado, hoje estão no ponto em seis semanas. A vaca em cativeiro, que antes produzia 4.000 litros de leite por ano, hoje dá 10.000litros, dez vezes acima do que sua natureza permitira se criada em liberdade. O ritmo das galinhas poedeiras foi alterado para que produzam, cada qual, 300 ovos por ano, quando o normal seria algumas dezenas. A qualidade desses produtos, tanto em paladar quanto em nutrientes, está cada vez pior. (Resultados apresentados em abril de 2003)

inventor por decisão; é encontrando a posição do inventor que nos tornaremos um deles”.³⁶

S. Santin

Santa Maria, março de 2010.

³⁶ Jünger, Ernst, *Le Coeur Aventureux*. Cit. s.r.